



**Eixo: Movimentos sociais e Serviço Social.**

**Sub-eixo: Movimentos sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional.**

## **IDEOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO FRENTE AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE**

**SUSANA MARIA MAIA<sup>1</sup>**

**Resumo:** Apresentamos no artigo o debate da ideologia no campo da tradição marxiana e marxista, a partir de duas perspectivas de análise, denominadas concepção *restrita* e concepção *ampliada*. Os elementos aqui apresentados são parte da investigação realizada em etapa doutoral que trata da relação entre *consciência* e *ideologia*. Procuramos, a partir da aproximação ao pensamento de Marx, Engels e Lukács, identificar elementos que auxiliem na compreensão da função da ideologia enquanto mecanismo de dominação que obstaculiza a transição dos patamares da consciência de classe.

**Palavras-chave:** Ideologia; Consciência; Dominação de Classe.

**Resumen:** Presentamos en el artículo el debate de la ideología en el campo de la tradición marxiana y marxista, a partir de dos perspectivas de análisis, denominadas concepción *restringida* y concepción *ampliada*. Los elementos aquí presentados son parte de la investigación realizada en etapa doctoral que trata de la relación entre *conciencia* e *ideología*. A partir de la aproximación al pensamiento de Marx, Engels y Lukács, identificar elementos que ayuden en la comprensión de la función de la ideología como mecanismo de dominación que obstaculiza la transición de los niveles de la conciencia de clase.

**Palabras claves:** Ideología; Conciencia; Dominación del Clase.

### **1 INTRODUÇÃO**

As lutas sociais constituem-se espaços de resistência e de construção de processos de contra hegemonia que interferem no cenário da luta de classes, incidindo diretamente, por meio da luta, no processo de formação da consciência de classe. Essa foi a afirmação com que concluímos a pesquisa dissertativa que tinha por objetivo *identificar elementos presentes na*

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Fluminense. E-mail: <smmaia@yahoo.com.br>.

*experiência de uma ocupação urbana que inferiam no processo de formação da consciência de classe dos indivíduos e grupos nela envolvidos.*

Nos estudos acerca do movimento da consciência de classe, identificamos **três formas constitutivas: a consciência embrionária, a consciência em si e a consciência para si**. Cada uma dessas formas é expressão da consciência de classe, todas equivalem ao movimento da classe, ora amoldada à ordem do capital, ora em luta pelos seus interesses e/ou pela superação desta ordem. Cada momento traz em si os elementos de sua superação, **esse movimento da consciência não é linear, possui avanços e recuos**, a depender do movimento da classe em determinado contexto sócio-histórico (IASI, 2012).

A pesquisa realizou-se junto a lideranças da ocupação e dos movimentos que articularam e acompanham a experiência, e estruturou-se a partir de 05 (cinco) eixos temáticos: organização interna; construção de identidade; métodos de luta; assessoramento e colaboração e dimensões de ação direta e política de formação. Na investigação realizada, se identificaram elementos que incidiram no desenvolvimento de uma consciência crítica junto aos indivíduos, uma consciência que, embora embrionária, os elevou de sua condição imediata. Destacam-se alguns elementos conclusivos: a) Necessidade imediata como elemento agregador de indivíduos dispersos em uma luta comum; b) A vivência coletiva de uma contradição incide no movimento da consciência; c) A luta coletiva como facilitadora do movimento da consciência junto aos indivíduos e grupos sociais, contribuindo diretamente para a constituição de uma identidade coletiva; d) O desenvolvimento de uma identidade coletiva expande a dimensão do pertencimento a uma dimensão coletiva (passo essencial para o pertencimento de classe); e) Esta experiência coletiva traz elementos para o confronto com a ideologia dominante, na busca por construir novas concepções de mundo e de relações sociais, políticas e econômicas.

Podemos dizer que encontramos na experiência vivenciada a partir da ocupação elementos correspondentes ao desenvolvimento do processo de formação da consciência de classe em seu momento embrionário da consciência em si. Há elementos da consciência de classe germinando, de

ação e identidade coletiva, de organização, de novas concepções de mundo. Ao mesmo tempo, há elementos do nível anterior da consciência que não se superam. Esta constatação nos levou a uma questão reflexiva: *Por quê, mesmo frente a identificação de elementos constitutivos do que poderíamos associar ao nível da consciência em si, não identificamos no processo de formação da consciência de classe na ocupação esta elevação?*

Como Marx e Engels demarcam em *A Ideologia Alemã*, a consciência é um **produto social**, portanto, fruto de um conjunto de condições objetivas e subjetivas desenvolvidas em determinado momento histórico: “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 2007, p.94). A consciência expressa o movimento histórico desenvolvido pela classe, que agrega as condições subjetivas – seu preparo político-intelectual, suas experiências organizativas, sua capacidade de mobilização das massas, entre outros – mas que não valem por si mesmas de forma isolada, é preciso que se tenham condições objetivas para que o movimento da classe e, conseqüentemente, o movimento da consciência, aponte para o reconhecimento da classe como uma classe diante do capital, possibilitando e potencializando a ação desta classe para a superação da ordem.

Diante desta assertiva, nossa questão reflexiva se desdobra: *por que, mediante um conjunto de processos de luta e de organização da classe trabalhadora, não avançamos em patamares mais elevados de consciência? A resposta está apenas na ausência das condições objetivas que poderiam possibilitar um salto da consciência?* Pensamos que não.

Na Pesquisa doutoral desenvolvida, partimos da **hipótese** de que há um fenômeno, utilizado como **mecanismo de dominação de classe**, que impede o avanço desse movimento da consciência, travando a transição entre os patamares da consciência de classe. Um mecanismo que atua diretamente na internalização da objetividade posta, naturalizando as relações vividas dadas como normas, valores, padrões de comportamento e visões de mundo. Este mecanismo que Marx e Engels (2007) denominaram como sendo a **ideologia**. A partir de um estudo bibliográfico, trataremos, portanto, como **objeto de**

**estudo**, da relação entre ideologia e consciência e sua incidência no contexto da configuração das classes no capitalismo contemporâneo.

Neste artigo, apresentamos aportes do debate da ideologia no campo do marxismo, identificando duas tendências distintas acerca da categoria, denominadas concepção *restrita* e concepção *ampliada*. Partindo, principalmente, do debate de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* e de Lukács em *História e Consciência de Classe* e *Para uma Ontologia do Ser Social*, recuperamos elementos para a compreensão da função da ideologia que dialogam de forma direta com o debate da consciência e da luta de classes – a função da **dominação** e da **condução da práxis**.

## 2 MAPEANDO O DEBATE DA IDEOLOGIA

Dentre os diversos estudos acerca categoria *ideologia*, uma questão é consensual, a de que não existe um conceito único sobre o que é ideologia<sup>2</sup>. Segundo Vaisman (2010), o termo foi assumindo historicamente diversos sentidos. Konder (2002) ressalta que o tema da ideologia surge desde os gregos, expresso na busca do que realmente compreende o real, da percepção sensorial, da abstração teórica. Ao longo do desenvolvimento da história, a da teoria do conhecimento foi se ocupando de questões circunscritas nesta problemática.

O conceito de ideologia surge, em 1801, a partir de uma publicação de Antoine Destutt de Tracy, filósofo enciclopedista francês que, no auge da Revolução Francesa, preocupa-se com a visão de mundo pela qual as pessoas explicam a realidade. Tracy propõe uma ciência que dê conta da mente humana, de como o pensamento humano se constrói de forma científica, apresentando um estudo sensorial para estudar as origens das ideias no mundo sensível, perceptível. Pretendia, em especial, que seu estudo possibilitasse entender como funciona o pensamento humano para detectar seus erros e retificá-los para ajudar os governantes a governar a sociedade, a

---

<sup>2</sup> Destacamos aqui os estudos de LÖWI, *Ideologias e Ciências Sociais*; ZIZEK, *Um Mapa da Ideologia*; EAGLETON, *Ideologia* e KONDER, *A Questão da Ideologia*.

reproduzir, reorganizar a sociedade (LÖWI, 2010). Konder (2002) destaca que seu raciocínio era compreender como se formam as ideias, a partir das sensações, para “entender e criar um mundo melhor”:

(...) a perspectiva derivada dessa concepção do conhecimento foi entendida como a doutrina segundo a qual a *consciência era produto do meio*. A *realidade objetiva* chegava à compreensão dos homens por meio de impressões sensoriais, que depois se complicavam na sofisticação das ideias. À medida que eram capazes de reconstituir esse processo formativo, através da *ideologia*, os homens refletiam com maior fidelidade o real (KONDER, 2002, p.22).

Os *ideólogos*, como eram chamados Tracy e os seguidores de seu pensamento, possuíam uma forte relação com Napoleão que, rompe de forma abrupta com o grupo, os acusando de serem “ideólogos metafísicos” (LOWY, 2010; EAGLETON, 1997). Como parte de suas críticas, tece a acusação de que estes se isolavam em seus próprios sistemas e não se mostravam receptivos às “lições da história”, ou seja, ideologia seria o conjunto de ideias que inverte o real. Esta perspectiva difundida por Napoleão ganha notoriedade e o conceito de *ideologia* passa a ser embutido de uma visão “negativa”, uma “falsa” imagem da realidade. Segundo Löwi (2010) e Eagleton (1997) é a partir desta visão negativa que Marx utiliza a categoria em suas análises em *A Ideologia Alemã*, a qual nos deteremos adiante.

Entretanto, cabe ressaltar que dentro do próprio marxismo é possível reconhecer tendências distintas acerca da categoria *ideologia*, que Mészáros (2008) vai delimitar como sendo uma concepção *restrita* e uma concepção *ampliada*. Tomando a ideologia em seu sentido *restrito*, a temos a partir de uma visão crítica ou negativa, compreendida a partir de dois critérios: como vínculo necessário com a classe social dominante e como instrumento de dominação social. Löwi (2013) salienta que este conceito de ideologia aparece em Marx desde seus escritos de juventude, “designando as formas especulativas, idealistas e metafísicas da consciência social” (p.120).

A discussão dentro do marxismo que abre espaços para o denominado sentido *ampliado* da ideologia ocorre a partir da *II Internacional*, em especial, a

partir de expoentes como Lenin, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Lukács<sup>3</sup>. Pensada em seu sentido amplo, a ideologia pode ser vista como instrumento tanto para a integração à ordem do capital, a partir do amoldamento e consentimento das consciências, como para o enfrentamento de classes e ruptura com a sociabilidade posta. A ideologia seria tratada como um conjunto de ideias vinculado a grupos e/ou classes sociais, como uma visão ou concepção de mundo.

Busquemos a partir de Marx, Engels e Lukács elementos destas duas concepções.

## **2.1 O conceito de Ideologia em Marx e Engels a partir de *A Ideologia Alemã***

É possível afirmar que elementos para o debate acerca da categoria *ideologia* são encontrados ao longo do percurso de investigação de Marx, desde as obras localizadas no período do “jovem Marx”, quanto às de sua maturidade intelectual e política. Dentre esses elementos, podemos destacar o debate acerca das classes, da *consciência*, do *trabalho* e, em especial, o debate da *alienação* e *fetichismo*. Todavia, é em *A Ideologia Alemã* que a categoria recebe um trato mais detalhado que determina sua caracterização central, por meio da qual, pode-se estabelecer interlocução com o conjunto da obra marxiana.

*A Ideologia Alemã* é escrita por Marx e Engels entre os anos de 1845/1846, sendo publicada apenas em 1932 na União Soviética. A filosofia alemã constitui-se um dos alicerces do percurso intelectual de Marx, em especial, o pensamento de Hegel, fonte pela qual Marx constrói sua teoria e método, num percurso dialético de incorporação e superação desta herança. Pode-se afirmar que *A Ideologia Alemã* representa um desses “rompimentos”

---

<sup>3</sup> Vale destacar que destes pensadores, apenas Lukács teve acesso aos textos fundamentais de Marx que tratam diretamente da ideologia (*A Ideologia Alemã* e *Os Manuscritos de 1844*, ambos publicados em 1932 e os *Grundrisse*, publicado em 1939).

com a filosofia política clássica alemã, tanto quanto ao pensamento de Hegel, mas, em especial, a dois expoentes entre seus seguidores, Bruno Bauer e Feuerbach.

A crítica central é de que os jovens-hegelianos, como “ideólogos” ancoram sua filosofia em “fraseologias”, não combatendo ao mundo real existente, fazendo com que suas ideias percam totalmente a conexão com a realidade. Uma de suas teses centrais dentro da célebre *Teses a Feuerbach*, é a de que “os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 2007, p.535, Tese 11).

Partindo desta assertiva, o que Marx e Engels propõem é que, partindo do pressuposto de que a sociedade é produto da história, ou seja, produto da ação direta dos homens na história, deve-se construir as bases para a superação da sociabilidade posta, chamada em muitos momentos como “pré-história da humanidade” para a construção da verdadeira história da humanidade. Neste processo, recuperar a *atividade sensível* do homem, o trabalho, torna-se essencial.

Marx e Engels recuperam a centralidade da compreensão do trabalho como *atividade sensível* do homem, meio pelo qual o homem satisfaz suas necessidades e delas, constrói novas necessidades, desenvolvendo, conseqüentemente, o processo histórico e as relações sociais e de produção, ou seja, a reprodução do modo de vida.

A partir desses elementos que os autores trazem o debate da consciência. Esta, “sofre desde o início a maldição de estar contaminada pela matéria” (p.34), por conseguinte, a consciência é produto social.

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real [...] Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas (MARX e ENGELS, 2007, p.93/94).

E acrescentam: “a consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste Sein*], e o ser dos homens é o seu

processo de vida real” (ibid., p.94). O que os indivíduos são coincide com sua produção, com o *que* produzem, e o *modo como* produzem. A consciência é, antes de tudo, a consciência do *meio sensível* imediato, é uma consciência *gregária* que se desenvolve a partir da divisão do trabalho, das relações sociais estabelecidas. Todavia, a divisão do trabalho se torna efetivamente *divisão* e promove uma *cisão* na consciência, a partir da divisão entre trabalho material e espiritual.

A partir desse momento, a consciência *pode* realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real – a partir de então, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “puras” (ibid., p.35).

Essa *cisão* da consciência e a constituição destas “formas de consciência”, só se torna possível diante da contradição entre as relações sociais e as forças de produção material existentes, cindidas por uma divisão do trabalho que baseada na “distribuição *desigual*, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos” (ibid., p.36).

É a partir do debate da divisão do trabalho e da propriedade privada que Marx desenvolve o debate sobre a *alienação*<sup>4</sup>. Analisa o fenômeno da alienação com uma conotação específica no âmbito econômico, a partir da ação concreta do trabalho humano, interferindo diretamente na formação do ser social. No capitalismo, o trabalho assume a forma de *trabalho alienado*, fazendo com que a *objetivação* surja como um processo de *alienação*. O fundamento do trabalho alienado inferioriza os sentidos humanos e distancia os homens de sua *atividade sensível* e de sua própria *generidade*: “a própria ação do homem que torna-se um poder que lhe é estranho e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez de por este ser dominado” (MARX e ENGELS, 2007, p.37).

A alienação constitui a base de uma *consciência estranhada*, consciência esta dirigida por este “poder” unificado, “uma potência estranha, situada fora

---

<sup>4</sup> Uma obra central para o debate de alienação em Marx são Os *Manuscritos Econômico-filosóficos* escritos em 1844, todavia também só publicados em 1932.

deles”. Todavia, a mudança desta forma de consciência não é um movimento no âmbito das ideias, “trocando fraseologias por outras”, mas no campo da ação prática, da mudança da “base sobre a qual se elevam as formas de consciência”.

A transformação dos homens só é possível a partir de um movimento prático, por uma *revolução*; a mudança não se faz no campo das ideias. Uma nova concepção da história parte desse pressuposto. Situando-se constantemente na história real, deve explicar as formações ideais partindo da práxis material e não o inverso, como na concepção idealista da história.

(...) todas as formas e produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na “autoconsciência” ou sua transformação e “fantasma”, “espectro”, “visões” etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais [*realen*] de onde provêm essas **enganações idealistas**; não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história (MARX e ENGELS, 2007, p.43, **grifos nossos**).

O que vai definir se as agitações revolucionárias existentes podem subverter ou não as bases da produção da vida, não é a “*ideia* dessa subversão”, mas, os elementos materiais de uma subversão total, a saber: “de um lado, as forças produtivas existentes e, de outro, a formação de uma massa revolucionária” (idem).

Nesta sociedade cindida pela divisão do trabalho onde disputam-se interesses divergentes, esta cisão também se expressa no âmbito das ideias (ideologia) na própria classe dominante. Esta cisão pode até provocar uma certa oposição no interior da classe dominante, mas até o momento desta classe se sentir ameaçada, momento no qual, além de se unificar, procura-se encobrir a “aparência de que as ideias dominantes não seriam as ideias da classe dominante” (ibid., p.48), de forma a perpetuar a dominação de classe. As ideias dominantes cada vez mais são apresentadas como universalidade. Lembrando que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante” (ibid., p.47).

Para a manutenção da dominação, a classe deve apresentar seu interesse particular como *interesse geral*, expresso de forma ideal como as

únicas ideias universalmente válidas. Uma classe revolucionária, neste movimento, aparece como representante de toda a sociedade, visto que seus interesses coincidem com o interesse coletivo de todas as classes não dominantes. Todavia, esta disputa também não se dá no âmbito das ideias, “a existência de ideias revolucionárias numa determinada época pressupõe desde já a existência de uma classe revolucionária” (idem), conseqüentemente, de uma ação de tomada ao poder a fim de se elevar à classe dominante.

(...) toda classe que almeje à dominação, ainda que sua dominação, como é o caso do proletariado, exija a superação de toda a antiga forma de sociedade e a superação da dominação em geral, deve primeiramente conquistar o poder político, para apresentar seu interesse como o interesse geral, o que ela no primeiro instante se vê obrigada a fazer. É justamente porque os indivíduos buscam *apenas* seu interesse particular, que para eles não guarda conexão com seu interesse coletivo, que este último é imposto a eles como um interesse que lhes é “estranho” e que deles “independe”, por sua vez, como um interesse “geral” (MARX e ENGELS, p.37, Nota a).

A superação desse “interesse particular que aparece como interesse geral” só pode se dar com a superação da divisão do trabalho e do próprio trabalho, desta forma de apropriação do trabalho. Quando a dominação de classe deixar de ser a forma de ordenamento social, essa “aparência” da desvinculação das ideias dominantes, da própria classe dominante deixa de existir.

Em seu ensaio *Alienação e Ideologia: a carne real das abstrações ideais*, Iasi (2014) resgata o conteúdo rigoroso da concepção marxiana sobre ideologia a partir de *A Ideologia Alemã*. A hipótese de seus estudos é de que Marx e Engels chegam à questão particular da *ideologia* a partir da discussão sobre *alienação*. Não buscam compreender a veracidade ou correspondências das representações, mas como desenvolvem um certo tipo de *poder* sobre aqueles que a produziram – “um poder estranho que volta-se contra eles”.

Numa visão idealista da história, a partir da leitura de Hegel, formamos o pensamento na dimensão subjetiva, através de nossa capacidade teleológica da pré-ideação, e o externamos através da criação de um objeto, correspondente aos processos da *externação* [*Entäusserung*] e da *objetivação* [*Vergegenständigung*]. Estes processos se manifestam sempre através de um

*estranhamento* [*Entfremdung*], pelo qual a efetivação da consciência ganha certa independência em relação à própria e se efetiva no real. Aqui é a base para compreendermos a *alienação* em Hegel. Seria, portanto, um fenômeno intrínseco ao processo de externalização e objetivação dos seres humanos na vida em sociedade. O trabalho do Espírito seria o de reencontrar aquilo que se alienou, não se prendendo às formas particulares de objetivação, mas buscando a essência através do todo, da dimensão universal.

Pontua-se aqui, duas diferenças significativas no pensamento de Marx que vão em confronto com as análises de Hegel. Primeiro de que Marx não entende que toda *externalização* e *objetivação* implicam *estranhamento*; esta é uma característica específica que esse assume em um contexto histórico específico (no caso, a sociedade capitalista que desenvolve em seu ponto máximo a ordem da mercadoria). Outro elemento é que a verdade objetiva do pensamento não é uma questão teórica, mas prática, “é na prática que o homem tem que provar a realidade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior de seu pensamento” (MARX e ENGELS, 2007, *Teses sobre Feuerbach*, p.533).

Tomado por este prisma, que Marx e Engels afirmam que a produção das ideias e das representações está diretamente entrelaçada com a atividade material. Se esta atividade material é fundada na alienação como inversão da realidade, o mesmo se reproduz na consciência dos homens.

Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

É, portanto, na base das relações materiais de produção que se encontram as determinações para se compreender a ideologia “e as formas de consciência” sob ela constituídas. Iasi (2014) destaca que se trata de duas dimensões interligadas, “a formação de valores ideais que representam a vida e suas relações, por um lado, e, por outro, a volta destas objetivações ideais como uma força hostil e estranha” (IASI, 2014, p.104). Aí se encontra a diferença entre os conceitos marxianos de “consciência social” e “ideologia”.

Em Marx nem todas as formas de consciência são ideologia, ao passo que a ideologia é uma forma de consciência. As formas de consciência teriam a capacidade de compreender as determinações do real, visto que a ideologia implica em ocultamento e velamento do mesmo. A ideologia seria, portanto, uma forma particular de forma de consciência.

Também as **formações nebulosas** na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica **e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes**, são privadas, aqui da aparência de autonomia que até então possuíam (MARX e ENGELS, 2007, p.94, grifos nossos).

Para Iasi (2014), o que Marx e Engels aqui sinalizam é de que as representações que partem da vida real e se exteriorizam e objetivam também em sistemas de valores e regras, expressam uma necessidade vinculada ao processo de produção da vida, no caso da ideologia, através de sua função de inversão, de ocultamento, de estranhamento.

Analisando a ideologia como um conjunto de valores, de ideias e juízos que expressam as relações sociais fundamentais com a função de ocultar o caráter social e histórico desta relação, o autor apresenta três elementos encontrados em *A Ideologia Alemã* que seriam mecanismos da ideologia.

**1) função de ocultamento**, produz uma inversão, uma naturalização, que não implica uma “falsidade”, mas a expressão das relações sociais dominantes que são reificadas. O que aparece invertido na ideologia é expressão de um mundo invertido. Portanto, “não caberia contrapor a uma visão de mundo tida como ideológica (no sentido de sua falsidade), uma concepção de mundo ‘verdadeira’” (IASI, 2014, p.120). **2) instrumento de dominação de classe** numa sociedade dividida entre interesses antagônicos. “A ideologia ao naturalizar, inverter, ocultar, opera como poderoso meio de legitimação e justificativa das atuais relações existentes” (idem). **3) justifica a cisão entre o interesse particular e o interesse geral**, apresentando as formas particulares desta sociedade como se fossem universais, únicas; onde “o que determina sua universalidade não é a validade ou coerência em si mesmo deste ou daquele valor, mas da relação concreta da qual ele se origina” (ibid., p.121).

Esta forma de sociabilidade cria uma consciência social que opera com a função de manter e reproduzir uma dominação de classe, produzindo uma “alteração fundamental no momento ideal, na forma como os seres humanos expressam estas relações na forma de valores, juízos, concepções de mundo, em síntese, uma consciência social” (ibid., p.113).

O autor desdobra a citação emblemática de *A Ideologia Alemã*, onde Marx e Engels descrevem a relação das ideias dominantes com a força material dominante:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica [variante no manuscrito]) das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX e ENGELS, 2007, p.47).

As ideias dominantes são as ideias da classe dominante. Esta é uma concepção que naturaliza a força que constitui determinada consciência social. É como se uma classe torna-se dominante porque suas ideias se universalizaram, e não o inverso. O poder das ideias deriva de onde provêm as relações sociais e são estas relações que são apreendidas como ideias. Desta forma, como já nos advertia Marx e Engels, as relações não são alteradas pelo trabalho da consciência, senão, pela ação prática, capaz de alterar as relações que fazem de uma classe a classe dominante.

## **2.2 O conceito “ampliado” de ideologia em Lukács**

No debate do conceito *ampliado* de ideologia na tradição marxista a partir da II Internacional, destacam-se a contribuição de Lenin, Gramsci e Lukács. Löwi (2010) ressalta que Lenin apresenta a reflexão da vinculação da ideologia com a posição de classe, abrindo a margem para a existência de uma “*ideologia proletária*”. A ideologia passa a ser discutida, no âmbito do

marxismo, como um conjunto de concepções, ideias, representações, teorias que orientam para a legitimação e reprodução da ordem ou que podem fortalecer o direcionamento das ações revolucionárias de rompimento com a sociabilidade estabelecida.

Se a consciência é apresentada mediante um conjunto de normatizações que é interiorizado, onde os valores centrais deste “real” são assumidos pelo ser social como seu; este conjunto de elementos representa a forma estabelecida de senso comum, que servirá de base para o desenvolvimento da ideologia dominante. Para manter sua dominação, a burguesia cria uma “doutrina fechada” da economia, Estado, sociedade, dentre outros, constituindo uma “visão de mundo” que contribua para tornar consciente entre os indivíduos sua “vocação” para a dominação e organização da sociedade. A combatividade de uma classe seria medida, portanto, por sua capacidade de interferir nos fenômenos; e sua vocação para a dominação, representa a capacidade de organizar o conjunto da sociedade, conforme seus interesses.

Nesta direção, as reflexões de Gramsci indicam que um grupo social possui sua própria concepção de mundo a partir da concepção de outro grupo social, “por razões de submissão e subordinação intelectual” (Gramsci, 2004, p.97), portanto, a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são fatos políticos, visto que confrontam uma determinada ideologia posta. Pertencemos a um determinado grupo que compartilha um mesmo modo de pensar e de agir, nos tornando, de certa forma, “conformistas”, no sentido de nos conformar com determinada concepção de mundo: “somos sempre homem-massa ou homens-coletivos”. Esta concepção de mundo herdada influi sobre a conduta moral e a “direção da vontade” dos homens, podendo atingir um ponto de passividade moral e política. O “homem ativo de massa” atua sem uma consciência teórica de sua ação, podendo estar inclusive em contradição uma com a outra.

O *bom senso* se contrapõe ao senso comum por estabelecer uma unidade entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta adequada a ela. Um dos elementos determinantes para desenvolvê-lo   ter consciência da historicidade e das concepções em que ela se relaciona de forma contraditória.

Daí o papel da “filosofia da práxis” como ferramenta que possibilita elevar do senso comum ao bom senso através de “progresso intelectual”, estabelecendo uma nova cultura. Este progresso intelectual possibilita tornar a prática mais homogênea, coerente, eficiente em todos os seus elementos, isto é, “elevando-a a máxima potência”. A relação teoria-prática é um ato crítico que permite aos homens criticar a própria concepção de mundo, progredindo “até a aquisição real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária” (ibid., p.104).

Dentre os expoentes após a *II Internacional* o pensamento de Lukács alcançou uma grande proporção, principalmente a partir de *História e Consciência de Classe*, publicada no princípio dos anos 1920, num contexto de consolidação da recente Revolução Russa, exercendo grande influência em um conjunto de pensadores marxistas da época e de gerações futuras (KONDER, 2002).

Analisando o desenvolvimento da consciência a partir da ordem burguesa, Lukács ressalta que é nela que se identifica a luta ideológica pela disputa da consciência, pelo desvelamento ou dissimulação do caráter de classe da sociedade. Propõe uma aproximação mais ampla a partir do debate das posições teleológicas onde, nas posições secundárias (que se referem à relação entre os seres humanos), os homens produzem objetivações a partir de uma forma de consciência para enfrentar e resolver conflitos em uma determinada direção (IASI, 2014). Essa ação de resolução de conflitos é conduzida pela ideologia.

Para Lukács só é possível ter uma visão clara das questões ideológicas do capitalismo quando compreendermos a dualidade entre o caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade e o comportamento subjetivo submetido a ela. No capitalismo a mercadoria assume a forma universal de conformação do conjunto da sociedade e a estrutura da relação mercantil se torna o “protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2003, p.193).

É neste contexto que apresenta a *reificação* como um fenômeno fundamental, *geral* e estrutural de *toda* a sociedade burguesa, uma vez que a

transformação de todos os objetos em mercadoria imprime sua estrutura na consciência do homem. As relações reificadas acabam por ocultar a interferência das formas do capital na vida social e “aparecem na consciência do homem e da sociedade burguesa, como formas puras, verdadeiras e autênticas do capital” (ibid., p.211), estabelecendo uma *consciência reificada*. Esta *consciência reificada* generalizada engloba o conjunto das manifestações da vida social, estabelecendo um “sistema que leis” para atender às necessidades do desenvolvimento capitalista, adaptando a vida social à sua estrutura.

A tarefa da análise histórica seria, portanto, mediante a categoria da possibilidade objetiva, “desmascarar realmente a ilusão e estabelecer uma conexão real com a totalidade” (ibid., p.144). É na relação com a totalidade que os homens revelam a consciência que têm de sua existência, em suas determinações essenciais. E é a consciência de classe que determina a ação historicamente decisiva da classe como totalidade.

Este é um dos ganchos para se compreender a *ideologia* no debate lukacsiano. É um fenômeno que incide nas tomadas de decisões das classes. Essa é a “função da consciência de classe em sua luta pela dominação da sociedade” (ibid., p.147). A vocação de uma classe para a dominação representa, portanto, a capacidade de organizar o conjunto da sociedade, conforme seus interesses e de sua consciência de classe. Sua combatividade é medida pela capacidade de interferir nos fenômenos conforme seu interesse. O destino de uma classe “depende de sua capacidade de esclarecer e resolver, em todas suas decisões práticas, os problemas que lhe impõe a evolução histórica” (ibid., p.146).

Lukács amplia e desenvolve esta compreensão em *Para uma Ontologia do Ser Social*, onde busca estabelecer a conexão ontológica do fenômeno da ideologia com o ser social, partindo do papel do “homem ativo” na realidade, capaz de capturar o real e modificá-lo através de sua “ação cientificamente instruída, ideológica e conscientemente conduzida” (VAISMAN, 2010, p.45).

Lukács desenvolve na *Ontologia* uma rigorosa determinação do trabalho para definir o complexo ideológico. Concebe-o a partir do debate das posições

teleológicas, sendo este, o *pôr teleológico primário*. É o trabalho quem coloca em movimento *pôres teleológicos secundários*. Este movimento não é mecânico, muito menos determinista, ao contrário, é um movimento complexo, dinâmico e dialético, cada pôr tem uma “necessidade ontológica” do outro e desencadeia uma série de cadeias causais, produzindo novas posições teleológicas.

Os *pôres secundários* têm por objeto de atuação os próprios homens, suas respostas práticas no processo de autorreprodução humana. Segundo Lukács (2013) estes *pôres teleológicos* surgem com o trabalho, constituindo-se como componentes fundamentais do ser social uma vez que visam suscitar um novo comportamento para a sociedade como um todo, influenciando diretamente a consciência e as respostas dos seres humanos frente à realidade. Nas análises do autor, é justamente nestes *pôres* que o papel do ideal se intensifica. As posições secundárias seriam, portanto, a base sobre a qual se estrutura os fenômenos ideológicos, na busca constante do ser humano de encontrar respostas às suas questões, particulares e/ou genéricas (VAISMAN, 2010).

O processo histórico propõe tarefas a serem cumpridas pela atividade material, dimensão objetiva, e, conjuntamente, pela atividade *ideológica* dos homens. Neste sentido, o ponto central da função da ideologia seria o de *enfrentar e resolver os conflitos na sociedade*, ou seja, a ideologia é uma “forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir” (LUKÁCS, 2013, p.464).

Tomando por esta definição, nem todo conjunto de ideias constitui-se como ideologia, mesmo sendo produto do pensamento (ou a alienação do pensamento) dos indivíduos, estas só se constituem ideologia se ocupam a função determinada de ser um “veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais” (LUKÁCS, 2013, p.467). Só a partir da *função* é possível compreender o que é ideologia.

Destaca-se que é na luta ideológica das classes, no embate entre as ideologias, que o desmascaramento de uma pela outra ganha um papel decisivo. E é neste campo que a ideologia pode tornar-se um *poder*.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste artigo, apresentar parte do resultado da pesquisa doutoral em andamento, em especial, localizar o debate da ideologia na tradição marxiana e marxista, dialogando especificamente com o debate de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* e apontamentos do pensamento de Lukács em *História e Consciência de Classe* e *Para Uma Ontologia do Ser Social*.

Para além de definir e optar por conceitos – *restrito* ou *ampliado* –, o que irá contribuir de forma direta no processo investigativo em questão será debruçar sobre elementos componentes da função da ideologia como instrumento de dominação a fim de delinear um aprofundamento teórico e categorial necessário no que tange à relação entre *consciência* e *ideologia*. Função esta tratada pelas duas perspectivas.

Partimos do pressuposto de que esta forma de sociabilidade cria uma consciência social que opera na função de manter e reproduzir uma dominação de classe. Marx e Engels nos adverte que a consciência é um produto social, portanto, parte do processo de vida real, representando, antes de tudo, seu meio sensível imediato. Meio sensível este que Gramsci e Lukács desenvolvem a partir da análise do senso comum, esfera da vida cotidiana profícuo para a atuação da ideologia dominante que atua de forma concomitante com a alienação.

A partir do trabalho alienado se desenvolve uma cisão da consciência e formas de consciência a partir da contradição relações sociais de produção e formas de produção material, produzindo o que Lukács denominará “consciência reificada”, essa age a partir de um sistema de leis para atender às necessidades de legitimação do capital. A forma de revelar e desenvolver a consciência seria, nas palavras do autor, por meio da relação com a totalidade. A consciência de classe determina a ação historicamente decisiva da classe, por meio da práxis material, uma *práxis social humana consciente e capaz de agir*. É a capacidade de a classe interferir nos fenômenos que dará a medida de sua combatividade.

Nossa hipótese de estudo é de que a ideologia atua diretamente nesta capacidade, como mecanismo de dominação de classe e eficiente na “manutenção da ordem” estabelecida. Entendemos, portanto, que para compreender esta função de **dominação** é preciso aprofundar suas determinações, mediações e materialização em uma determinada condição histórica, levando-se em consideração de que a ideologia não é simplesmente reflexo das condições materiais, mas atua, concomitante, como um fator ativo sobre as mesmas.

Como a ideologia se expressa enquanto dominação política nas condições contemporâneas de configuração das classes? Como ela ganha materialidade de dominação política? Ou seja, qual o *modus operandi* da ideologia, como dominação, que se materializa e se manifesta como impeditivo para a formação da consciência de classe? Onde ele encontra as bases para sua legitimação? Entendemos que encontramos aqui o centro da pesquisa doutoral que guiará nossos estudos desde então.

## REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Tradução Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IASI, Mauro Luis. Socialismo, barbárie e outras alternativas. In: PINHEIRO, Milton (Org.). **A reflexão marxista sobre os impasses do mundo atual**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 73-102.

\_\_\_\_\_. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. In: ROIO, Marcos Deo (Org.). **Marx e a Dialética da Sociedade Civil**. Marília: Editora Cultura Acadêmica, 2014. p.95-124.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciências Sociais**: elementos para uma análise marxista. 19.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. Estudos sobre a dialética marxista. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. Trad.: Nelio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. Ensaios de negação e afirmação. Tradução Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo, 2008.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. **Revista Verinotio**, Rio de Janeiro, n.12, ano VI, p.40-64, out. 2010.

ZIZEK, Slavoj (Org.) **Um Mapa da Ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.